

Marta Gerez Ambertín

Supereu: avesso do desejo

Realização: Andréa Carvalho Mendes de Almeida, Bela M. Sister, Danielle Breyton, Deborah Cardoso, Silvio Hotimsky e Susan Markuszower.

Tradução: Stella Maris Schebli.

Por mais de trinta anos, Marta Gerez Ambertín, psicanalista argentina, rastreou de maneira exaustiva o conceito de supereu na teoria psicanalítica, retomando os textos de Freud e Lacan para tentar desfazer os inúmeros mal-entendidos que surgiram nas leituras pós-freudianas.

Instância polêmica, assim ela nos apresenta o supereu: “não é individual nem social; não é interior nem exterior; não é própria nem alheia e, mais ainda, não é somente mera identificação ao pai, tampouco uma simples herdeira do complexo de Édipo. Nem materno nem paterno, nem feminino nem masculino, nem precoce nem maduro... seus enigmas invadem com interrogações a teoria e a clínica psicanalíticas”¹.

Nos vários livros que escreveu, alguns já publicados em português – *As vozes do supereu* (Ed. de Cultura e EDUCS, 2003) e *Imperativos do supereu – Testemunhos clínicos* (Escuta, 2006) e nos inúmeros artigos escritos para revistas especializadas, na Argentina e no exterior, Marta Ambertín sustenta a correspondência entre supereu, masoquismo e pulsão de morte. Enfatiza a paradoxal formulação do supereu como herdeiro do Isso e do Complexo de Édipo e corrobora a sua implacável crueldade, como imperativo de gozo, avesso do desejo inconsciente.

A partir do referencial lacanian, toma o supereu como ordenador para uma clínica diferencial da neurose, psicose e perversão, e propõe algumas direções para o desenvolvimento da clínica analítica.

Suas formulações ao redor da problemática do super eu e da culpa lançam luz para se pensar questões ligadas à problemática

¹ Em *As vozes do supereu*, São Paulo, Ed. de Cultura e EDUCS, 2003, p. 21.



da modernidade, assim como de fenômenos sociais que dizem respeito ao mal-estar na cultura nos dias de hoje.

É em seu último livro publicado no Brasil, *Entre dívidas e culpa: sacrifício* (Cia de Freud, 2009) que explicita as duas vertentes do sacrifício: as que permitem o laço social, o encontro dos sujeitos, e aquelas que aniquilam, podendo levar, entre outros, ao assassinato ou ao suicídio. Nele, Marta Ambertín se indaga sobre o que a psicanálise tem a dizer sobre o fascínio que as práticas sacrificiais podem adquirir tanto no sujeito como nos grupos sociais e que contribuições pode trazer para a economia do sacrifício.

Consequente com suas investigações, Marta Ambertín, também há muitos anos, participa de pesquisas com sociólogos, advogados e psicanalistas, no Centro de Investigações Sociológicas da Faculdade de Direito da Universidade de Tucumán, em pesquisas que abordam o entrecruzamento do discurso jurídico e o discurso psicanalítico para pensar o problema do crime, da culpa, da responsabilidade e os efeitos da sanção penal na subjetividade, assim como o lugar que cabe ao sujeito ator do delito. Trata-se de uma busca por ferramentas de abordagem para um possível campo de operação conjunta, que cada vez mais vem obtendo reconhecimento na área judicial².

Sua longa trajetória na psicanálise, marcada pela perseguição política nos tempos da ditadura militar Argentina, estende-se por diversos países, passando pela França e alguns países na América Latina. Sua história com o Brasil, em particular, vem dos anos de 1990, quando foi convidada a ministrar cursos em diversas universidades, culminando com a realização de seu pós-doc na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É integrante da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental e participa ativamente no intercâmbio de trabalhos envolvendo principalmente Brasil e Argentina.

Esta entrevista foi feita por escrito, em julho de 2009. Agradecemos a disponibilidade e gentileza com que Marta Ambertín respondeu a nossas perguntas, e esperamos que o leitor que já tenha tido a oportunidade de conhecer um pouco de seu pensa-

a minha formação psicanalítica começou com Marie Langer, Armando Bauleo, Juan Carlos Volnovich e Gilou García Reynoso, entre outros

mento possa se atualizar sobre suas mais recentes produções, e que aquele que toma contato pela primeira vez com suas ideias possa se interessar por sua instigante e genuína contribuição à transmissão da psicanálise.

BELA M. SISTER E
DEBORAH JOAN DE CARDOSO

PERCURSO A senhora poderia nos contar sobre sua trajetória na psicanálise? E sobre seu percurso no México, Costa Rica e Brasil?

MARTA GEREZ-AMBERTÍN A minha trajetória na psicanálise iniciou-se em 1970, quando fiz análise com Enrique Pichón Rivière e em seguida com Alberto Pargament. A minha formação psicanalítica começou com Marie Langer, Armando Bauleo, Juan Carlos Volnovich e Gilou García Reynoso, entre outros. Prossegui na Argentina e na França minha formação freudo-laciana, que é incessante.

Do conjunto de mestres, guardo uma imensa gratidão pela generosa transmissão de Jacques Hassoun. Em 1976, na cidade de San Miguel de Tucumán, fundei o Grupo de Estudos Psicana-



minha relação com o Brasil iniciou-se em 1992, quando fui convidada para dar um seminário na Escola de Psicanálise do Rio de Janeiro. Alguns anos depois dei um curso no Departamento de pós-graduação da PUC do Rio de Janeiro

líticos Sigmund Freud que, em 1980, passou a se chamar Centro Psicanalítico Sigmund Freud e, em 1995, Fundação Psicanalítica Sigmund Freud, e que atualmente agrega mais de 200 analistas. Nessa instituição, junto a outros colegas, realizamos seminários de psicanálise e temos também espaços de conferências e debates sobre o psi-jurídico, a psicanálise com crianças e adolescentes, apresentação de casos clínicos etc.

Em 1973, comecei a lecionar na Universidade Nacional de Tucumán, de onde fui expulsa em 1976 pela ditadura militar. Em 1983, fui reincorporada pelo governo democrático. Atualmente sou professora titular das cátedras *Semiose Social e Psicanálise Escola Francesa (Lacan)* e diretora do doutorado em Psicologia. Desde 1992, sou docente do curso de doutorado em Psicologia da Universidade de Buenos Aires e participo do corpo acadêmico de vários cursos de pós-graduação de universidades argentinas.

Em 1990, conheci em Paris os psicanalistas argentinos Néstor Braunstein e Frida Saal.

2 Os frutos dessa pesquisa geraram a publicação de vários volumes de uma coleção organizada por Marta Ambertín, intitulada *Culpa, responsabilidad y castigo en el discurso jurídico y psicoanalítico* (Volumes: I – publicado em 1999 e reeditado em 2005, II – publicado em 2004 e reeditado em 2008 e III – publicado em 2009, Editorial Letra Viva).

Devo a eles minha chegada ao México – onde viviam exilados –, para a transmissão de um seminário anual que já vem acontecendo há 19 anos. Neste país proferi cursos na UNAM, Universidade Autônoma Metropolitana do Distrito Federal, na Universidade de Morelia, de Oaxaca, de San Luis Potosi e de Veracruz. Mantenho um intercâmbio frequente com o Círculo Psicanalítico do México. Há quatro anos venho proferindo um curso intensivo no mês de fevereiro no Instituto Tecnológico de Monterrey (Campus do Distrito Federal). Meus laços de trabalho com os colegas do México ampliam-se cada vez mais, devido aos cursos e publicações que realizamos. Esses vínculos tornaram menos frequentes meus cursos na Costa Rica, mas ainda assim conservo uma ligação afetiva com o psicanalista Mario Schumacher, que promoveu a primeira apresentação de meu livro *As vozes do supereu* na Costa Rica, em 1994. Como também o fez Frida Saal, na Cidade do México. Defendi minha tese de mestrado em teoria psicanalítica no Centro de Pesquisas e Estudos Psicanalíticos no México. O Dr. Braunstein orientou a tese de doutorado que defendi, em 1998, na Universidade Nacional de Tucumán na Argentina.

Minha relação com o Brasil iniciou-se em 1992, quando fui convidada para dar um seminário na Escola de Psicanálise do Rio de Janeiro. Alguns anos depois dei um curso no Departamento de pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, a convite da Dra. Ana Maria Rudge. Iniciei um curso de pós-graduação na Universidade de Caxias do Sul e outro na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, a convite do Dr. Manoel Tosta Berlinck, assim como outros cursos na Universidade Federal de Brasília e na Universidade Federal de Belém.

Em 2004, a Universidade de Caxias do Sul e a Editora Cultura (São Paulo) publicaram meu livro *As vozes do supereu*, cuja segunda edição, publicada pela Companhia de Freud do Rio de Janeiro, será lançada no dia 25 de setembro [de 2009] na Embaixada Argentina em Brasília.

O Dr. Manoel Tosta Berlinck orientou minha tese de pós-doutorado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e publicou pela editora Escuta o meu livro *Imperativos do supereu*. Justamente o Dr. Tosta Berlinck, generosamente, me convidou para fazer parte da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental (AUPPF), que organiza numerosos Congressos Nacionais e Internacionais. Estou muito orgulhosa de ser uma das duas integrantes argentinas da AUPPF, pois penso que se trata da rede mais importante de doutores pesquisadores em psicopatologia no Brasil. Através do Dr. Berlinck estabeleci um estreito intercâmbio de trabalho com o mestrado em Psicanálise da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) e, atualmente, com o programa de doutorado em Psicanálise, dirigido pelo Dr. Henrique Figueiredo Carneiro, com quem venho organizando ainda congressos, publicações e pesquisas, além de um trabalho de intercâmbio com Clío, uma instituição psicanalítica de Fortaleza.

Em agosto passado [2009] organizamos um Congresso Internacional na Argentina, que reuniu um público de mais de 800 pessoas. Estamos preparando também uma pesquisa que congregará colegas do Brasil, do México e da Argentina. Além disso, em novembro próximo [2009], acontecerá a Jornada de Trabalho da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), quando desenvolverei o tema “Violência e novos laços perversos”. Enfim, entendo que estamos levando às vias de fato a inevitável e necessária integração de nossos países. Não há destino para a Argentina a não ser irmanada ao Brasil. Por isso, me agrada muito que a editora Companhia de Freud reedite meu livro *As vozes do supereu* e edite, em português, meu último livro *Entre dúvidas e culpas: sacrifícios*.

PERCURSO Em seu livro *Imperativos do supereu*, a sra. afirma que nele procurou recuperar o peso teórico e clínico do conceito freudiano de supereu. O que se passou com esse conceito após sua

»»

*não há destino para a Argentina
a não ser irmanada ao Brasil.
Por isso, me agrada muito que
a editora Companhia de
Freud edite meus livros*

formulação? Por que a necessidade de recuperá-lo?

MARTA AMBERTÍN Entendo que as formulações pós-freudianas erraram no caminho da formulação do supereu. Foi por isso que insisti em *As vozes do supereu* sobre a necessidade de abandonar os lugares comuns onde muitos dos pós-freudianos colocaram o supereu, ou seja, vinculando-o à relação entre o sujeito e a realidade – um absurdo; ao bom funcionamento da consciência moral – impossível; à preservação do sujeito contra as transgressões – errôneo; ou à sua redução à identificação paterna – ridículo. Em meu livro *Imperativos do supereu* acrescentei mais duas objeções: uma para aquelas concepções que pretendem homologar, facilmente e sem expor seu desencontro, supereu e inconsciente – aberração – e outra para aquelas que o situam como garantia narcísica – descabido³.

Ao realizarmos um percurso minucioso pela obra de Freud no que se refere ao supereu, podemos constatar que, na formulação paradoxal do supereu como herdeiro do Isso e do Complexo de Édipo, confirma-se que o supereu fustiga mais além do princípio de realidade; instiga a consciência moral exigindo sempre



com a queda dos ideais, o assédio do supereu dissolve os laços sociais, produzindo a dessubjetivação – a perda da subjetividade – que produz um resultado grave na clínica psicanalítica e na vida cotidiana

mais; nada assegura contra as transgressões – às vezes as potencializa –; trata-se do pai, mas não da dialética da identificação paterna. E além do mais, corrói toda formação do inconsciente – impossibilitando-a e/ou destruindo-a – e, finalmente, não concede nenhuma segurança narcísica dado que, como instância da “crítica”, tende sempre à insensatez da hiper-reprovação.

PERCURSO Como a sra. pensa a questão do supereu no mundo atual, no qual observamos uma carência de ideais culturais coletivos?

MARTA AMBERTÍN A partir do estatuto que Lacan outorga ao supereu, sabemos que ele desagrega todo laço social. Precisamente na “*Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia*”, Lacan destaca que não se pode inferir do supereu individual um suposto supereu social e mais ainda que, se houvesse a possibilidade de se conformar um supereu coletivo, produzir-se-ia uma “desagregação molecular integral da sociedade”. De fato, com a queda dos ideais, o assédio do supereu dissolve os laços sociais, produzindo

a dessubjetivação – a perda da subjetividade – que produz um resultado grave na clínica psicanalítica e na vida cotidiana.

PERCURSO Se para a sra. o supereu não faz laço social, como a sra. entende aquilo que Freud colocou em termos de supereu cultural em *O mal-estar na civilização* (cap. VIII)?

MARTA AMBERTÍN Como já afirmei, o supereu dissolve os laços sociais. Essa noção de “supereu cultural” em Freud produziu de fato algumas confusões. Para ele, fazer laço social, perseguir a felicidade cultural e pessoal é para o sujeito um tormento constrangedor. Entre o *desideratum* cultural e a singularidade do desejo e do gozo, mais de uma libra de carne fica no caminho... Pode-se então falar de um supereu cultural? Freud hesita. Será possível homologar a instância como posição estrutural do sujeito, ao conjunto maior da sociedade? “Outro ponto de acordo é que o supereu da cultura, em um todo como aquele do indivíduo, coloca severas exigências ideais cujo não cumprimento é castigado mediante uma “angústia da consciência moral”⁴. A partir disso, pode-se presumir que, na realidade, aquilo que Freud denomina de “supereu da cultura” e que opera sobre a massa está mais para o lado das insígnias ideais, ou seja, do Ideal do Eu como instância que incita a partir de Eros, convocando unidades cada vez maiores. E isso sem invalidar a ação corrosiva e dissociadora do supereu em cada um dos membros da massa. Desse modo, “os preceitos” do supereu na cultura deveriam ser entendidos como derivados do Ideal da Cultura que clama por alcançar suas aspirações, ainda que deixe como saldo o efeito dissolvente do supereu na singularidade do sujeito, no um a um de cada sujeito. O supereu não faz massa, não faz conjunto, nem religião, tampouco laço social; como é demonstrado pela sua incidência singular nos crimes das massas e nos obstáculos da transferência.

PERCURSO A sra. descarta a ideia de um supereu feminino ou masculino. Existiria algum sen-

3 Tema trabalhado mais detalhadamente no capítulo 1.

4 S. Freud, *O mal-estar na civilização*, ESB, vol. XXI, 1929.



tido em pensarmos a diferença entre o supereu das mulheres e o dos homens?

MARTA AMBERTÍN Sim, de fato não se pode falar do supereu feminino ou masculino, o supereu em Lacan como objeto *a*, como imperativo de gozo não tem nem sexualidade nem gênero. No entanto, é possível referir-se à incidência do supereu nas mulheres e nos homens. Em *Sobre a sexualidade feminina*, Freud destaca as hipóteses acerca da incidência do supereu nas mulheres, ratificando que ele é menos cruel e desapiedado do lado feminino. Insistimos em nossa proposta: existe incidência do supereu nas mulheres; negar isso seria rejeitar a posição estrutural da instância em toda subjetividade, mas é necessário acrescentar que as mulheres têm melhores recursos para negociar com a cruel instância no trâmite e herança edípica – o que não ocorre com a herança do Isso. A mascarada feminina é um bom recurso para colocar limites ao supereu.

Por outro lado, as vicissitudes do Édipo nos homens e a herança do Isso deixam como saldo uma disposição de cruel dureza do lado masculino. O varão, pelo interesse narcísico em conservar sua masculinidade, se vê obrigado a reciclar a incorporação originária ao pai. Na modelação superegoica, o “eco de ameaça” de castração se faz ouvir ali onde declara amor e hostilidade pelo pai, agora voltado contra o próprio sujeito. Tal é o saldo hiper severo do supereu do lado masculino e tal é a inserção singular do varão na miséria da cultura.

Nas mulheres, em geral, o saldo é mais benevolente pois, ao não declinar definitivamente do Édipo, mantêm o laço amoroso com o pai – que não está do lado do incesto pelo efeito substitutivo do corpo da mãe – e mais enfraquecida a remodelação da incorporação intrusiva. Entende-se, portanto, porque “[...] as consequências culturais de sua dissolução são menores e menos importantes [...]” (o que) dá seu cunho especial ao caráter das mulheres como seres sociais”⁵.

Na dissolução inconclusa do Édipo, as mulheres permanecem ligadas por um laço amoro-

*nas mulheres, em geral, o saldo
é mais benevolente pois,
ao não declinar definitivamente
do Édipo, mantêm o laço
amoroso com o pai, que não está
do lado do incesto*

so ao pai, de quem continuam esperando uma reparação ou um dom. Desse modo, o que lhes interessa é conservar esse amor, ficam mais à mercê da demanda do Outro e aplacam a exigência superegoica que, em função desse alibi, torna-se menos severa.

Talvez por isso seja possível afirmar que a consciência moral das mulheres é mais passível de suborno; o seu dever, menos kantiano, e sua ética, mais leve. A mentira histórica e o achado freudiano da *proton-pseudos-histórica* nos falam do importante recurso simbólico com o qual contam as mulheres no apelo ao pai; recurso criativo para atenuar não só o “eco do castigo da castração” como também o “pecado original” do crime parricida. São mais influenciadas pela voz modulada que pede ao pai e aos seus substitutos o encanto-trovador, do que pela voz átona do eco do castigo da castração; porta aberta ao desejo que lhes impede de usufruir em demasia do gozo superegoico.

Levando em consideração a importância dos estudos de gênero na atualidade e as fórmulas de sexuação de Lacan, preferiria falar de *lado masculino* ou de *lado feminino* em vez de *mulheres* ou *homens*. Cada sujeito pode ocupar algum



é necessário estabelecer
claramente as diferenças entre
o chiste, o cômico e o humor,
do mesmo modo que seu estatuto
tópico e metapsicológico

desses lados para além de seu sexo anatômico, mas sabemos que o “lado homem” padece muito mais da voracidade superegoica do que o “lado mulher”.

PERCURSO Qual seria a importância do humor frente à constelação superegoica?

MARTA AMBERTÍN No livro *As vozes do supereu*, dediquei um capítulo para a relação do humor negro com o supereu. Uma faceta insólita de crueldade amável no supereu se apresenta com o “problema econômico do humor”, o qual se esquivava dos dardos da instância e deixa um saldo ganancioso de prazer através da criatividade.

É necessário estabelecer claramente as diferenças entre o chiste, o cômico e o humor, do mesmo modo que seu estatuto tópico e metapsicológico, posto que a face amorosa e quase “benevolente” do supereu no humor (de qualquer modo negro) se sustenta no complicado inter jogo de ressexualização que torna frouxa, cruel e burlesca a dureza do supereu, ao transformar a luta de poderes entre as instâncias em mera caricatura de poder e a fustigação do pai

cruel em farsa – produto de um verdadeiro ato de invenção.

O humor não é defesa nem renegação, tampouco triunfo narcisista ou recurso identificatório e nem careta maníaca. É factível retomar a questão do humor desde o fantasma e a sublimação.

No que diz respeito ao humor e à direção da cura, pode-se pontuar que o analista pode tirar partido deste para fazer semblante quando fracassa a “sombra do objeto” na melancolização, porque este ardid permite ao analisando contornar o objeto do fantasma. Já a ausência de humor na psicose é um impedimento para sua estabilização, ainda que, às vezes, a produção do *sinthome* na psicose consiga a produção do humor.

PERCURSO Ainda que o supereu seja voz imperativa do lado do gozo, não seria possível considerar que, em algumas circunstâncias, exista nessa voz imperativa alguma dimensão de alerta e mesmo de proteção?

MARTA AMBERTÍN De modo algum. O supereu é um imperativo de gozo, a voz afônica do supereu é cruel. É preciso tentar regatear a incidência de gozo do supereu através da intervenção do significante dos Nomes do Pai, buscando que a voz possa assumir a forma de mandamento. Esse mandamento, ao ser modulado e vocalizado, supõe a introdução de uma ordem diferente que se estrutura, não em torno do buraco do Outro, mas sim em torno da castração do Outro. Nesse caso, a voz poderá transformar-se em palavras e, graças a sua mediação, que possibilita sua significação, será possível atenuá-la. A partir da instância da palavra, é possível fazer laço social. Caminho possível dos discursos (histórico, do amo, do analista e do universitário) formulados por Lacan e da criação do quarto nó, o *sinthome*.

PERCURSO Que lugar o supereu ocupa na condução de uma análise? Como pensar aí a questão do supereu do analista?

MARTA AMBERTÍN É muito importante posicionar o lugar a ser outorgado ao supereu na clínica. De fato, se me baseio nas premissas freudianas

5 F. Freud, *Sobre a sexualidade feminina*, ESB, vol. XXI, 1931.



desenvolvidas anteriormente, não creio ser possível tornar benevolente a instância cruel, a não ser fechando os olhos diante da correspondência: *supereu-masiquismo-pulsão de morte*. Tampouco é viável pretender liberar a subjetividade do supereu, que, como instância, dá conta do inevitável pagamento masoquista do sujeito por seu acesso à lei. De qualquer modo e em relação à resposta anterior, trata-se de regatear o gozo pelas vias do desejo, apelando aos Nomes do Pai. Sabemos que a resistência mais terrível que pode se instalar em uma análise – a resistência do supereu – é a reação terapêutica negativa. Quanto ao supereu do analista, espera-se que sua análise e a travessia de seu fantasma permitam a primazia de seu desejo. Sem essa primazia não é possível para um analista conduzir uma análise.

*com relação ao supereu e a culpa,
sabemos que o único resultado
do castigo é o gozo masoquista,
ou seja, gozo pulsional.
Portanto, quanto maior o
castigo, maior o delito
ou a criminalidade*

128

PERCURSO 43 : dezembro de 2009

PERCURSO Há muitos anos a sra. participa de pesquisas no entrecruzamento da Psicanálise e do Direito, que basicamente giram em torno do tema da culpabilidade e dos efeitos da sanção penal na subjetividade. Os frutos dessa pesquisa inclusive foram publicados em vários volumes organizados pela sra. A sra. poderia nos falar a respeito dessa pesquisa?

MARTA AMBERTÍN Nos textos mencionados por vocês, *Culpa, responsabilidade e castigo no discurso jurídico e psicanalítico*, demos conta de nossas indagações sobre o delito: motivos, contexto e sociedade na qual esse ato se realiza, imaginário social de seus espectadores, sofrimento das vítimas a partir da análise discursiva dos processos judiciais e abordando as respostas da subjetividade ao crime: culpa, castigo e/ou responsabilidade. Apresentamos a análise de casos através da análise de processos judiciais que são sumamente esclarecedores sobre a relação entre crime, culpa e responsabilidade.

Interessa-nos responder sobre os ensejos enigmáticos que precipitam o ato criminoso; o que do sujeito entra em jogo em tal ato; as maneiras e concepções a partir das quais é julgado; as sanções que lhe são imputadas e os efeitos subjetivos – nos algozes e nas vítimas.

PERCURSO A sra. tem assinalado a importância de o réu se responsabilizar pelo seu ato infracional, para que a penalidade tenha significação e efeitos subjetivos. Caso contrário o castigo somente potencializa o delito. Como promover essa implicação do sujeito e quais seus limites?

MARTA AMBERTÍN Com relação ao supereu e a culpa, sabemos que o único resultado do castigo é o gozo masoquista, ou seja, gozo pulsional. Portanto, quanto maior o castigo, maior o delito ou a criminalidade. Trata-se de que o réu possa assumir seu crime, subjetivar sua falta e dar dimensão à sanção penal. Por isso, promovemos uma sanção penal com economia de castigo. Se o sujeito assume em seu discurso o lugar que lhe compete no banco dos acusados, é possível que assumo com responsabilidade suas faltas e se reintegre, purgando suas culpas, à sociedade que o condenou; mas se expulsa de seu discurso qualquer implicação subjetiva, deixando a punição para o juiz e para as instâncias sociais, provavelmente pode vir a potencializar seu ato criminoso. Mas devemos esclarecer que é absurdo pretender que um delinquente se “responsabilize” por seu ato



*proporciono diferentes
versões do sacrifício na clínica,
na vida contemporânea e na criação
artística imemorial que permitem
abordar essa questão*

se é tratado como um monstro, preso em lugares infernais, onde é permanentemente envergonhado e humilhado.

PERCURSO Como tem sido a repercussão desse trabalho na área jurídica?

MARTA AMBERTÍN Somos cada vez mais lidos e cada vez mais somam-se advogados e juízes aos nossos projetos de pesquisa. Creio que a repercussão mais efetiva é que em muitos processos judiciais nossas pesquisas são citadas e nas alegações dos juízes e promotores pede-se a intervenção do psicanalista, e é dada importância à subjetivação da falta. Esse será o assunto de minha palestra na *IX Jornada da Escola Lacaniana de Psicanálise* – Brasília, onde abordarei os temas “O sujeito, a lei e o gozo” e “Culpa e supereu na clínica”. Obviamente que os delitos com maior incidência em nossas pesquisas são aqueles tipificados na Argentina como “delitos contra a integridade sexual”, porém o interesse cada vez maior dos agentes judiciais na psicanálise obedece, a meu ver, à cilada do próprio Direito Penal ocidental, porque um de seus objetivos centrais é a “reabilitação” do condenado. Como pensar uma sanção penal “reabilitadora”

se são ignorados os efeitos subjetivos da sanção e os meandros da culpa e do gozo?

PERCURSO Em setembro, a sra. lançará no Brasil um livro inédito: *Entre dívidas e culpas: sacrifícios*. A sra. poderia nos adiantar alguns aspectos desse trabalho?

MARTA AMBERTÍN Como disse, no dia 25 de setembro será apresentada, na embaixada Argentina em Brasília, a reedição do livro *As vozes do supereu* e *Entre dívidas e culpas: sacrifícios*, ambos publicados pela Companhia de Freud do Rio de Janeiro.

A pergunta inicial do livro é: e... por que o sacrifício? A partir daí seguem as respostas: pela reincidência de manifestações sacrificiais extremas em nossas sociedades, pela “miséria psicológica das massas”, pelo persistente testemunho na clínica psicanalítica de sacrifícios tênues a severos (alguns deles chegando até o assassinato ou o suicídio), pelos atos de autoaniquilação que ferem os corpos, a vida amorosa e o trabalho ou ameaçam o laço social... tudo isso numa inquietante cotidianidade. E ainda, práticas sacrificiais no Ocidente cada vez mais esvaziadas de mitos e rituais e por isso mesmo dessacralizadas e aviltadas.

Proporciono diferentes versões do sacrifício na clínica, na vida contemporânea e na criação artística imemorial que permitem abordar essa questão. Por exemplo, o *acting-out* do paciente que dispara um tiro “acidental” em sua cabeça, considerado por nós como um suplício sacrificial; o sacrifício de Evita Perón ou de Ifigênia que, tal e qual muitos filhos de hoje, oferecem sacrificialmente suas vidas para alimentar o gozo do pai, e o que dizer da prostração das massas diante do amo atroz que precipitou as matanças mais brutais no século passado ou no atual?

As práticas sacrificiais têm um ponto em comum: sua produção é atribuída ao destino inclemente e funesto que castiga e martiriza, o que dificulta, quando não impede, o questionamento de suas causas e da implicação do sujeito ou dos grupos sociais nessas práticas; uma

boa razão para tornar o tema um nó crucial dos obstáculos na clínica e na vida. O que precipita sujeitos e povos nessas práticas? Por que são tão fascinantes? O que pode a psicanálise dizer acerca dessa fascinação? E que contribuições a psicanálise pode dar no sentido de não ceder a essa fascinação e alcançar a economia do sacrifício? Essas são as respostas que procuramos.

O sacrifício degradado da atualidade recolhe somente fragmentos, resíduos, dejetos de mitos e ritos do passado. Eles já não contêm nossos povos e sujeitos. É por isso que atualmente o sacrifício dessacralizado e aviltado nem sempre é instituinte de comunidade; muito pelo contrário, suas expressões esvaziadas de sacralidade ameaçam a sustentação do laço social e as formações do inconsciente e produzem sempre um *plus* de violência e de gozo.

Através da leitura de cada capítulo, pode-se obter ganhos teóricos e clínicos. Seja dos paradoxos dos Nomes do Pai no mito de Abraão e Isaac;

da vitória no Holocausto de Ifigênia; do sacrifício na vida amorosa e no luto; da relação entre o sacrifício e a ingratidão; do sacrifício de Eva Perón e da fascinação sacrificial das massas que Freud nomeia como “miséria da massa”, verdadeiro reverso da “rebelião das massas” que leva ao trabalho sobre o tema do Holocausto e da Shoah.

Por tudo isso, *Entre dívidas e culpas: sacrifícios* pode interessar a uma ampla diversidade de leitores: aqueles que buscam uma indagação detalhada da questão na teoria ou na clínica, ou aqueles que, mesmo não tendo formação psicanalítica, se interessam pelos temas abordados.

Será um grande prazer assistir ao lançamento desses livros no Brasil e, principalmente, poder realizar um intercâmbio com os psicanalistas brasileiros sobre estes textos.

Tive muito prazer em responder às perguntas extremamente interessantes que vocês formularam, porque denotam uma leitura perspicaz de meus livros, o que valorizo e agradeço.